



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
1986-2013-2022

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGÜÍSTICA

V. 7, N.21, P. 7-32

DOI: 10.18764/2525-3441V7N21.2022.16

ESTUDO SOBRE A EXPRESSÃO ANTIFA QUANDO ENUNCIADA POR DONALD TRUMP EM SUA CONTA NO TWITTER

*A STUDY ON ANTIFA EXPRESSION WHEN POSTED BY DONALD TRUMP IN
HISTWITTER ACCOUNT*

André Campos Mesquita

<http://orcid.org/0000-0001-9896-9378>

Valdir Heitor Barzotto

<http://orcid.org/0000-0003-1564-95500>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar um enunciado feito pelo então presidente estadunidense Donald Trump, veiculado em sua conta no Twitter, no período compreendido entre os dias 31 de maio e 14 de junho de 2020, após o início das manifestações desencadeadas em diversas cidades norte-americanas pelo assassinato de Georg Floyd. Esse trabalho se justifica pelo propósito de demonstrar as relações de interdiscursividade entre Trump e seus seguidores e por possibilitar a compreensão de como as postagens do ex-presidente dos EUA contribuíram para construir um discurso que buscava deslegitimar os protestos dos grupos antifascistas nos EUA. Como método de análise serão mobilizadas a teoria dos Atos de Fala de Austin e a Análise do Discurso de linha francesa. Esta análise buscará compreender de que forma a expressão antifa é significada por Trump, quando ele a enuncia e de que maneira esse enunciado dialoga com o conjunto de discursos de ódio na rede, ajudando a criar um conjunto de regras discursivas que buscam dar legitimidade a esses discursos.

Palavras-chave: Fascismo; Antifa; Donald Trump; Análise do discurso; Atos de fala.

Abstract: The purpose of this article is to analyze an utterance made by the former US president Donald Trump, posted on his Twitter account, in the period between May 31 and June 14, 2020, after the beginning of the demonstrations unleashed in several cities Americans for the murder of Georg Floyd. This work is justified by the purpose of demonstrating the interdiscursive relationships between Trump and his followers and understanding how the posts of the former US president contributed to building a discourse that sought to delegitimize the antifa's protests in the US. As a method of analysis, this article will be use Austin's speech act theory and French-line discourse analysis. This analysis will seek to understand how the expression antifa is signified by Trump, when he utters it and how this utterance dialogues with the set of hate speeches on the network, helping to create a set of discursive rules that seek to give legitimacy to these speeches.

Keywords: Fascism; Antifa; Donald Trump; Speech analysis; Speech acts.

INTRODUÇÃO



No dia 8 de janeiro de 2021, a conta do então presidente estadunidense Donald Trump foi suspensa pelo Twitter Inc. A justificativa da empresa proprietária da rede social [@realDonaldTrump](https://twitter.com) é de que a conta oficial seria suspensa permanentemente devido ao risco de mais “incitação à violência”. A empresa afirma ter tomado a decisão após ter realizado uma análise detalhada das postagens da conta de Trump e de como essas postagens teriam sido recebidas e interpretadas dentro e fora do Twitter (BLOG TWITTER, 2021).

Trump havia sido suspenso temporariamente de acessar sua conta no Twitter por 12 horas em 6 de janeiro de 2021 após ter chamado de “patriotas” as pessoas que invadiram o Capitólio dos EUA naquele dia (BBC, 2021); e teria sido esse o estopim para a sua suspensão definitiva. Em janeiro de 2021, Trump ainda governava os EUA, mas na condição de derrotado nas eleições do ano anterior. Embora, o Twitter tenha suspenso a conta de um presidente durante o seu mandato, isso teria acontecido em um momento em que ele já estava politicamente enfraquecido e com data marcada para deixar o cargo. Essa, contudo, não foi a primeira vez que Trump na condição de presidente usou as redes sociais para promover discursos de ódio e incitação a violência.

Considerando esse contexto, este artigo tem como objetivo analisar um enunciado feito pelo então presidente estadunidense Donald Trump, veiculado em sua conta no Twitter, no período compreendido entre os dias 31 de maio e 14 de junho de 2020, após o início das manifestações desencadeadas em diversas cidades norte-americanas pelo assassinato de Georg Floyd.

Esse trabalho se justifica pelo propósito de demonstrar as relações de interdiscursividade entre Trump e seus seguidores e possibilitar a compreensão de como as postagens do ex-presidente dos EUA contribuíram para construir um discurso que buscava deslegitimar os protestos contra o racismo nos EUA.

Esta análise buscará compreender de que forma a expressão antifa é significada por Trump, quando ele a enuncia afirmando que “irá designar antifa como organização terrorista” e de que



forma esse enunciado dialoga com o conjunto de discursos de ódio na rede, ajudando a criar um conjunto de regras discursivas que buscam dar legitimidade a esses discursos.

O discurso de ódio pode ser entendido como uma enunciação feita com o intuito de ofender ou difamar um indivíduo ou um grupo de indivíduos incentivando discriminação, hostilidade e violência a grupos sociais identificados por atributos como raça, etnia, religião, gênero, orientação sexual, idade, deficiência física ou mental etc. (VASHISTHA; ZUBIAGA 2021, p. 1).

Neier (2014, p. 817) afirma que o discurso de ódio é legalmente protegido no discurso público pela lei estadunidense, exceto quando há o incitamento a ações ilegais em circunstâncias em essas ações possam de fato ocorrer. Assim, de acordo com Neier (2014, p. 817), o incitamento à violência, por si só, não justifica a proscrição. A jurisprudência nos EUA estabelece que o estado pode intervir para proibir ou punir quem pratica o discurso de ódio apenas quando o incitamento ocorre em um contexto em que tal violência é iminente. Trump teve de enfrentar um segundo pedido de impeachment por suas manifestações consideradas antidemocráticas, tendo sido absolvido por um placar de 232 votos a favor, 197 votos contrários e quatro abstenções (CAI, 2021).

O Twitter, no entanto, – como uma empresa privada de capital aberto – tem as suas regras internas e próprias para banir usuários e apagar postagens. A rede social banuiu Trump com base nesse regulamento. O microblog disse que Trump teria contrariado a sua política contra “glorificação da violência” (BLOG TWITTER, 2021).

Conforme Seglow (2016, p. 1104), postagens em redes sociais que veiculam discursos de ódio não têm como alvo uma única identidade, podendo ser dirigidos a gênero, religião, raça e deficiência física. Quando não são ações orquestradas feitas por contas inautênticas, milícias virtuais ou robôs, essas postagens em tese representariam a manifestação da opinião de um indivíduo, que faz uso de uma rede social para tornar público aquilo que ele pensa. Nesse caso, tem-se a ilusão de que essa seria a opinião desse indivíduo em questão, e que ele seria a origem desses dizeres e que de modo onisciente e onipotente toma a palavra para dizer o que quer dizer. Pêcheux e Fuchs (1997, p. 177), no entanto, advertem que o sujeito não



pode ser considerado como sendo a origem de seus dizeres, uma vez que ele não tem ciência de que esse dizeres são afetadas pelo funcionamento da ideologia. Embora, o indivíduo tenha à sua disposição todo o léxico de uma língua, ele não a usa da maneira que quer, quando quer. Os seus dizeres são contingenciados por um conjunto determinado de regras que condicionam seus discursos. Cabe ao analista do discurso compreender que regras seriam essas, a partir do conjunto de enunciados coletados na sua pesquisa.

A escolha desses enunciados, no entanto, leva automaticamente à exclusão de uma infinidade de outros que foram e continuam sendo produzidos, e que estão submetidos a essas mesmas condições de produção. O conjunto de enunciados aqui coletados irão constituir o nosso arquivo. Conforme Pêcheux (1994, p. 59-60), o arquivo não se relaciona apenas à ideologia, mas também às formações imaginárias e à noção de real.

Por meio do arquivo, é possível estabelecer uma relação entre o corpus discursivo – que no caso compreende os tweets de Trump e seus seguidores – e a ideologia, o político e o poder. Uma vez que compreendemos o corpus discursivo como, segundo Courtine (2009, p. 54), “[...] um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado condições de produção do discurso[...]”, o arquivo compreende também as condições de produção do discurso, a formação discursiva e o interdiscurso. A noção de arquivo constitui um apoio útil para trabalhos que se extraem seu corpus discursivo de redes sociais como o Twitter; dada a quantidade de documentos que estão disponíveis.

Em uma primeira abordagem, nossas análises buscarão mostrar de que modo Trump lida com os seus seguidores por meio de atos de fala do filósofo John L. Austin. Desse modo, iremos entender o ato ilocucionário de Trump ao enunciar em sua conta no Twitter, e os atos perlocucionário em seus seguidores por meio da resposta desses à postagem do ex-presidente dos EUA.

Nossa segunda análise buscará um entendimento das regras de produção do discurso de ódio por parte dos



seguidores de Trump a partir do enunciado do ex-presidente dos EUA.

SOBRE A EXPRESSÃO ANTIFA E O SENTIDO NO ENUNCIADO DE TRUMP

Conforme Belligni (1998, p. 35), o termo Antifascismo é empregado para designar todas “[...] as tendências ideais, os movimentos espontâneos e organizados e os regimes políticos [...]” que na história se mobilizaram em oposição a tendências, movimentos e regimes que se caracterizam como fascistas. Assim sendo, deve-se compreender a expressão fascismo, não como uma denominação para o movimento surgido na Europa durante a primeira metade do século XX, mas como uma categoria que engloba regimes e movimentos com características comuns que os distinguem de outros.

Sacomani (1998, p. 446) aponta três significados para o termo fascismo. O primeiro deles faz referência ao núcleo histórico original, ou seja: Fascismo italiano; segundo diz respeito ao nacional-socialismo alemão; e o terceiro, e mais abrangente, diz respeito a todos os movimentos ou regimes que compartilham com aquele conjunto de características ideológicas, critérios de organização e finalidades políticas. Esse último significado para o termo fascismo tem, segundo Saccomani (1998, p. 466), “[...] contornos tão indefinidos, que se tornou difícil sua utilização com propósitos científicos [...]”¹.

O que reafirma o fascismo como:

[...] um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do

1 Fenômeno semelhante acontece com a palavra “comunismo” quando enunciada por alguns setores da extrema direita. Seria possível alegar que esses enunciadores desconhecem o “verdadeiro” sentido da palavra “comunismo”. Para a análise semântica-enunciativa, contudo, não há um sentido mais verdadeiro do que outro. O desafio é compreender que sentidos a expressão adquire em cada enunciado e de que maneira esses sentidos são mobilizados por quem a emprega.

chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo [...]. (SACCOMANI, 1998, p. 466)



Stanley (2019, l. 13-14) aponta alguns pontos em comum entre Trump e o notório aviador Charles Lindbergh de inclinação fascista. Lindbergh era contrário à imigração de não-brancos e judeus para os EUA; ele tinha como lema America First (Estados Unidos em primeiro lugar); Trump retomou esse lema em 2016 e desde seus primeiros dias no cargo tem acusado imigrantes mexicanos de serem estupradores, muçulmanos de terroristas e tem sido implacável contra a imigração, sobretudo de povos árabes. De acordo com Stanley (2019, l. 13-14), o principal estrategista de Trump, Steve Bannon, declarou ao final da eleição que “[...] a era que está por chegar será tão emocionante quanto a década de 1930[...]”, período em que os EUA mais foram simpáticos ao fascismo. Tais elementos podem não ser suficientes para afirmar de modo categórico que o então presidente Donald Trump seja fascista; todavia indicam de contato entre práticas e ideias fascistas e o discurso e atuação do ex-presidente dos Estados Unidos. Isso de certo modo poderia justificar o fato de Trump se posicionar contra os antifas; não que ele se assuma como fascista, mas porque ele percebe a proximidade entre o seu *modus operandi* e o dos fascistas. Isso ocorre também – conforme demonstraremos adiante – na confusão que Trump procurar criar quando produz um enunciado em terceira pessoa em empregando o nome: Estados Unidos da América.

12

ANÁLISE DO TWEET DE TRUMP À LUZ DA TEORIA DOS ATOS DE FALA DE AUSTIN

O movimento antifascista existe deste o fim da primeira guerra mundial. Esse movimento voltou à evidência em 2020 após os protestos contra o assassinato de George Floyd, tendo sido hostilizado por Trump. Trump e os trumpistas elegeram antifas como os principais causadores dos “distúrbios” desencadeados em decorrência dos protestos pelo assassinato de um homem afro-americano de 46 anos chamado George Floyd, cometido por um policial branco em



Minneapolis. (O ESTADO DE S. PAULO, 2020). Trump, depois das manifestações, publicou em sua conta no *Twitter* a seguinte sentença:

Figura 1



Fonte: TRUMP (2020a)²

13

Trump é prolífico em sua rede social. Desde quando criou sua conta em abril de 2009 foram feitas, até 15 de junho de 2020, 43.241 postagens (TWEET BINDER, 2020). Ele a usa para diversos tipos de atividades que vão desde fazer campanha política, disseminar ódio a muçulmanos (MÜLLER E SCHWARZ, 2019, p. 9), e fazer alegações falsas. A repórter Linda Qiu (2020, p. 22) analisou a conta do ex-presidente dos EUA, durante a semana em que ocorreram os protestos pelo assassinato de George Floyd. De acordo com Qiu, entre 24 e 30 de maio de 2020, Trump usou sua conta no Twitter para fazer 139 postagens; 26 delas continham alegações notadamente mentirosas, uma média de 4,3 mentiras por dia publicadas em sua rede social; outras 24 postagens continham informações incompletas, enganosas ou fora de contexto. A postagem analisada neste

² Como Donald Trump foi banido do Twitter durante as pesquisas que culminaram na produção deste artigo, seus tweets não estão mais disponíveis. Todavia, nas referências bibliográficas foram indicadas outras fontes em que as publicações aparecem transcritas.

artigo (figura 1) foi a de maior impacto, foram 164 mil comentários, 306,7 mil repostagens, 769 mil likes (curtidas).

Austin (1962, p. 11) entendia que uma sentença performativa explícita deve ser (1) enunciada em primeira pessoa, (2) no presente do indicativo e (3) conter um verbo performativo explícito. Esses verbos não exercem uma função representativa na linguagem; não falam sobre algo que está na realidade e que pode ser verificado em sua condição de verdade. São verbos que expressam ações quando pronunciados, como, por exemplo, prometer, proclamar, declarar, apostar etc. Uma pessoa que promete parar de fumar só pode fazer a ação de prometer se enuncia uma sentença como: Prometo parar de fumar.

Conforme Austin (1962, p. 61) os verbos performativos poderiam ser identificados verificando se eles aceitam *hereby*, ou seja: “por meio da presente” ou “ao dizer estas palavras”. Como por exemplo: “ao dizer estas palavras, prometo parar de fumar”; “por meio da presente, eu declaro aberta a sessão da Câmara dos vereadores...”.

Conforme Austin (1962, p. 61) verifica-se se um verbo é performativo construindo frases com expressões como “por meio da presente” ou “ao dizer estas palavras” (*hereby*) antepostos a eles. Assim, para verificar se os verbos declarar ou prometer são performativos, formulando as seguintes frases: “ao dizer estas palavras, prometo parar de fumar”; “por meio da presente, declaro estar ciente dos prazos”.

O verbo designar (*to designate*), empregado por Trump, pode em alguns sentidos ser um performativo explícito. Como na sentença: “I designate this person to make those decisions” (GOODEN, 2020). A sentença funcionaria com a inclusão de *hereby*: I hereby designate this person to make those decisions.

Desse modo, poder-se-ia dizer que o tweet de Trump satisfaz a apenas última das exigências – a de número 3 – que caracterizariam um performativo explícito; caso assumamos que designar (*to designate*) tal qual foi empregado no tweet pode ser entendido como um verbo performativo: “Ao dizer estas palavras, eu designo Antifa como um grupo terrorista.”

No entanto, Trump emprega a terceira pessoa do plural The United States of America (Os Estados Unidos da





América, EUA) e uma construção com futuro contínuo (future continuous) para falar sobre algo que irá ocorrer em algum momento no futuro. O que, conforme Austin (1962, p. 5), não nos permitiria tomá-lo como um performativo explícito.

Mais adiante em suas conferências, Austin (1962, p. 57) admite que uma sentença performativa não precisa ser necessariamente enunciada em primeira pessoa do singular nem no presente do indicativo³. Em alguns casos, o verbo pode aparecer na segunda e terceira pessoas (singular ou plural) e na voz passiva, ou impessoal. Ele menciona os seguintes exemplos: “You are hereby authorized to pay...” (Pela presente, você está autorizado a pagar). “Passengers are warned to cross the track by the bridge only”. (Os Passageiros foram advertidos a cruzar os trilhos apenas pela ponte.) (AUSTIN, 1962, p. 57)

Para Austin (1962, p.57) esse tipo de performativo aparece em geral em circunstâncias formais ou legais, predominantemente na variante escrita da língua. Mas isso se aplicaria à sentença proferida por Trump? Essa pergunta nos coloca diante de algumas considerações que precisam ser demonstradas neste artigo. Consideramos possível argumentar que, mesmo na condição de presidente dos Estados Unidos, Trump, no caso desse tweet, não está autorizado a falar e não fala em nome do país, mas expressa uma posição da pessoa Donald Trump; como de fato foi percebido pelos veículos mídia ao se referirem a esse tweet. Esses veículos trataram o enunciado como uma sentença dita por Trump e não por algum órgão ou representante dos Estados Unidos:

Antifa: Trump says group will be designated 'terrorist organization' (Antifa: Trump diz que o grupo será designado como 'organização terrorista') (BBC NEWS, 2020, grifos nossos);

Trump diz que vai designar antifascistas como 'organização terrorista' (FOLHA DE S. PAULO, 2020, grifos nossos);

³ Aqueles que estão pouco familiarizados com a estrutura de “How to do things with words” podem achar estranho que uma posição defendida no início do livro seja abandonada em seguida. O livro é formado por um conjunto de conferências proferidas na Universidade de Harvard em 1955, em que Austin vai apresentando argumentos e definições que vão sendo abandonadas ou refutadas no decorrer da obra.

Amid protests, Trump says he will designate Antifa as terrorist organization. (Em meio a protestos, Trump diz que designará a Antifa como organização terrorista.) (CGTN, 2020, grifos nossos).

Trump vows to designate antifa a terrorist group. (Trump promete designar antifa grupo terrorista) (ABC NEWS, 2020, grifos nossos)

Despite Trump talk, antifa has not been designated as a terrorist organization. (Apesar de fala de Trump, a antifa não foi designada como organização terrorista) (FUNKE, 2020, grifos nossos)



Apesar de empregar no enunciado a terceira pessoa do plural e usar a expressão The United States of America, a sentença enunciada por Trump em seu tweet foi reescrita por paráfrase na imprensa na primeira pessoa do singular: “Trump”. É possível notar que a palavra “presidente” sequer aparece ligada ao nome de Trump nas manchetes dos veículos de mídia. Um apagamento que pode indicar que os discursos dos meios de comunicação anteriormente apresentados não tomam Trump como tendo enunciado da posição de presidente. Em lugar de The United States will designating [...]

Nesse caso, em lugar de usar The United States of America will be (Os Estados Unidos da América vão), seria possível empregar I will (eu vou).

Esse argumento pode ser reforçado se analisarmos algumas particularidades que precisam ser destacadas no enunciado de Trump. Ao afirmar que os EUA irão designar Antifa como um grupo terrorista, Trump não utiliza como veículo um órgão oficial ou a comunicação oficial do governo, ele faz uso de sua conta pessoal no Twitter; uma conta que ele possuía mesmo antes de se tornar presidente dos Estados Unidos (Ele criou e utiliza essa conta desde março de 2009). Trump fez uso da mesma conta para enunciar em primeira pessoa, para fazer campanha eleitoral e atacar o seu adversário nas eleições de 2020, o democrata Joe Biden:

I've done more in less than 4 years than Biden's done in more than 40 years [...] (Eu fiz mais em menos de 4 anos do que Biden fez em mais de 40 anos[...]) (TRUMP, 2020b);

I will be making a statement tonight. A big WIN! (Farei uma declaração esta noite. Uma grande vitória!) (TRUMP, 2020c).

Mesmo quando falava de suas atribuições como presidente da República, Trump o fazia em primeira pessoa:

I will be announcing my Supreme Court Nominee on Saturday, at the White House! Exact time TBA. (Estarei anunciando meu nomeado para a Suprema Corte no sábado, na Casa Branca! Hora exata a ser confirmada) (TRUMP, 2020d);



TODAY, I will be sending federal law enforcement and the National Guard to Kenosha, WI to restore LAW and ORDER! (HOJE, estarei enviando a polícia federal e a Guarda Nacional para Kenosha, WI, para restaurar a LEI e a ORDEM!) (TRUMP, 2020e).

Uma vez que aceitemos que a sentença enunciada por Trump é um performativo, passaremos para uma segunda etapa em nossas análises.

Para Austin (1962, p. 14), uma sentença performativa não deve ser analisada quanto à sua condição de verdade; ou seja: elas não são vericondicionais. Uma sentença vericondicional é um tipo de enunciado referencial como, por exemplo, “Teeteto está sentado” (PLATÃO, 2019, p. 404), que pode ser verificado, da forma como foi enunciada no diálogo Sofista de Platão, em sua relação com a realidade. Se ele corresponde à realidade é verdadeiro, caso contrário – como é o caso da sentença “Teeteto voa” (PLATÃO, ibidem) – é falso. Austin (1962, p. 67) chama essas sentenças de constatativas, que se diferenciam das performativas que por sua vez não podem ser tomadas por sua relação referencial com o mundo. Elas devem ser avaliadas, segundo a tipologia introduzida por Austin, na sua condição de felicidade. Para ele, as sentenças performativas devem cumprir alguns requisitos para ter sucesso ou felicidade. Um indivíduo que promete parar de beber, mas não tem a intenção de cumprir essa promessa, comete uma falha por abuso. Pois, ele não está sendo sincero em sua promessa. Por isso, o performativo deve, conforme Austin cumprir os seguintes requisitos:

(A.1) Deve haver um procedimento aceito convencionalmente, que apresente um efeito convencional determinado e que inclua a enunciação de certas palavras, por pessoas específicas, e em circunstâncias específicas; e também

(A.2) pessoas e circunstâncias específicas, em um dado caso, devem ser adequadas ao procedimento específico invocado.

(B1) O procedimento deve ser executado por todos os participantes corretamente e

(B.2) completamente

(r.1) Quando, como frequentemente ocorre, o procedimento é empregado por pessoas com certos pensamentos ou sentimentos, ou tem como objetivo a instauração de uma determinada conduta por parte de qualquer dos participantes, então aquele que participa do procedimento e o invoca deve de fato ter esses pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de modo adequado, e também

(r.2) devem realmente conduzir-se dessa maneira subsequentemente.

(AUSTIN, 1962, p. 14-15; tradução nossa)

Devemos então entender e verificar as condições de felicidade do enunciado de Trump no Twitter.



De acordo com Bray (2020), não há mecanismo para nenhum presidente dos EUA designar grupos domésticos como organizações terroristas. Além disso, continua Bray, apesar de existirem grupos antifascistas ou antifas, antifa não constitui em si um grupo específico ou uma organização com uma cadeia de comando centralizada. Por fim, não existem evidências de que antifas tenham causado a morte de ninguém nos EUA. Isso acusaria uma falha no requisito (A.2) e (B.1), pois nem Trump é a pessoa adequada para designar um grupo doméstico como organização terrorista, nem o procedimento foi executado de maneira correta.

No artigo publicado no site FactCheck.org, em 1º de junho de 2020, em declaração concedida a Robertson (2020), o professor da Escola de Estudos de Criminologia e Justiça da Universidade de Massachusetts Lowell, James Forest, afirma que não há como um promotor provar, sem qualquer dúvida razoável, que um indivíduo era membro de uma alegada organização denominada Antifa. Portanto, a falha ocorreria por Trump não adotar o procedimento convencionalmente aceito e as circunstâncias particulares para designar Antifa como organização terrorista não foram adequadas ao procedimento específico invocado.

Isso poderia nos levar a concluir que o ato de fala de Trump viola as condições de felicidade necessárias. Todavia, é pouco provável que o ex-presidente dos EUA e seus assessores não tivessem conhecimento dessas impossibilidades; o que nos leva a inferir que o ato ilocucionário pretendido por Trump é outro que não o ato de designar.

Austin (1962, pp. 32-3) classifica os performativos em duas categorias: os explícitos e os implícitos. Enquanto o primeiro compreende os tipos que mencionamos anteriormente, o segundo tipo inclui provavelmente todas as outras sentenças. Em decorrência dessa nova classificação, Austin a abandona a divisão proposta nas suas primeiras conferências entre performativos e constataivos. Ele irá propor neste momento uma outra teoria: a teoria geral dos atos ilocucionário, compreendendo todas as sentenças como performativas.

Um enunciado é um produto da interação e da situação social em que se encontram locutores e interlocutores. O seu ato ilocucionário é afetado pela previsão que ele faz de quem irá receber aquilo que ele disse, ou seja: o ato perlocucionário



esperado ou desejado (AUSTIN, 1962, pp. 100-101). Ao produzir uma enunciação no Twitter, Donald Trump imagina e projeta quem serão seus interlocutores e de que maneira o seu enunciado será recebido por esses eles.

Se o ato ilocucionário pretendido por Trump não é designar, a sua sentença não poderia entrar na categoria de performativos explícitos. O ex-presidente não está descrevendo uma lei que será apresentada ao congresso ou um processo legal junto ao Departamento de Estado dos EUA que, porventura, irá designar Antifa como organização terrorista. O ato ilocucionário pretendido por Trump é ameaçar os manifestantes (BBC NEWS, 2020) e fazer com que a imagem de “organização terrorista” passe a ser associada aos antifas. Assim, Trump procura se livrar ou usa de uma estratégia para tentar se livrar daqueles que o chama de fascista, chamando-os de terroristas; nesse caso, não teríamos um performativo explícito, mas implícito.

Isso não significa que Trump tenha controle ou consciência absolutos do seu enunciado, mas apenas que ele projeta o ato perlocucionário como uma resposta esperada de seus interlocutores. Desse modo, é interessante que observemos algumas respostas a esse tweet para avaliar o efeito perlocucionário do enunciado. O que será feito na próxima seção deste artigo.

O CONJUNTO DE REGRAS QUE BUSCA LEGITIMAR OS DISCURSOS DE ÓDIO NA INTERNET

Foucault (2014, p. 61-2) afirma que o discurso não pode ser entendido como “[...]a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz”; o discurso é antes de tudo “algo que escapa à consciência[...]” (FOUCAULT, 2014, pp.184-5). Foucault vai definir o discurso como “[...] um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva [...]” (FOUCAULT, 1986, p.135). O comportamento verbal do locutor – seja ele interior ou exterior – quando relativos à linguagem, não deve ser atribuído a um sujeito individual tomado isoladamente.



Uma enunciação, dependendo das circunstâncias em que é enunciada, pode ter diversas forças ilocucionárias. Para Foucault (2014, p. 62), a análise do discurso deve-se empenhar em compreender sócio e historicamente qual é o conjunto de regras que autoriza e legitima a existência de determinados enunciados. Cabe, então, ao analista descrever tanto as regularidades discursivas por meio das quais as instâncias de controle se formam.

Deve-se buscar um princípio organizador que conduza discursos dispersos a um agrupamento. A ideia aqui é encontrar um princípio organizador que capture discursos dispersos e os reagrupe segundo este princípio. Ou seja, aquilo que nos possibilita encontrar uma espécie de fundo permanente que garante aos discursos tanto de Trump quanto dos internautas a sua continuidade e existência.

No caso do tweet de Trump, o seu ato ilocucionário poderia ser amedrontar os antifas e associar esses manifestantes a um grupo ou organização terrorista. Entretanto, o efeito perlocucionário pode ser tanto o de um internauta que venha a ridicularizar o enunciado, como o de alguém que proponha radicalizar ainda mais o que foi dito, como é o caso do internauta autodenominado Low Rider (@low_riding): BLM needs the same designation. I'm ok with it happening the day after the election (BLM precisa da mesma designação. Tudo bem que aconteça um dia após a eleição!) (LOW RIDER, 2020); e do internauta Starlight (@Starbright5919): Add BLM as well (Coloque o BLM também) (STARLIGHT, 2020). Ambos propõem que Trump aplique a mesma designação ao movimento Black Lives Matter (BLM). Tanto Low Rider quanto Starlight não consideram que não faz parte das atribuições de nenhum presidente dos EUA designar quem quer que seja como organização terrorista. Em suas opiniões, o único motivo que poderia constranger Trump a tomar tal decisão seria eleitoreiro.

Trump se vale do desconhecimento que alguns de seus seguidores tem dos limites dos poderes do presidente. O que torna declarações como essas aceitáveis para essa parcela da população. Uma vez que seus seguidores acreditem que Trump tenha o poder designar um grupo como sendo organização terrorista, é possível que eles entendam que um dos sentidos para a expressão terrorista é “aquilo que



é assim designado pelo presidente dos EUA”; por essa razão, ele teria o poder de fazer o mesmo com o BLM, por exemplo.

Conforme Levitsky e Ziblatt (2018, l.1236), o presidente da Turquia Recep Tayyip Erdoğan teve um procedimento semelhante ao de Trump quando acusou jornalistas em 2016 de “propagarem terrorismo”. De acordo com os autores se uma parcela da população começar a compartilhar da opinião “de que oponentes são ligados ao terrorismo e de que a mídia está espalhando mentiras, torna-se mais fácil justificar ações empreendidas contra eles” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, l.1236). Cabe aqui salientar que o Departamento de Estado dos EUA por meio da sua divisão de contraterrorismo designa uma série de grupos ao redor do mundo como organizações terroristas. O que orienta algumas ações da política externa estadunidense.

Dentro da lei, nenhum presidente dos EUA pode designar os antifas como sendo uma organização terrorista, porque isso não faz parte das suas atribuições, conforme vimos anteriormente. Contudo, todas as vezes que Trump enuncia uma sentença que cola nesses manifestantes à identidade de um grupo terrorista, ele contribui para a construção discursiva em que a expressão antifa passa a ser associada à designação “terrorista”. Todos aqueles que enunciam da mesma perspectiva ideológica que Trump vão se sentir confortáveis produzirem enunciados em que tal associação aparece ou ainda fazer essa associação de modo inconsciente, uma vez que está assujeitado à essa ideologia.

Os internautas passam a associar tanto os manifestantes antifascistas como também os manifestantes antirracismo a organizações terroristas. Para eles, o conjunto de manifestações ocorridas após o assassinato de Floyd não são legítimas, mas são atos de terrorismo equivalente a ações externas. O que poderia justificar ações violentas contra esses manifestantes. Ações semelhantes àquelas que o Departamento de Estado dos EUA emprega contra grupos estrangeiros que são designados terroristas.

Ainda que potencialmente as contas Low Rider (@low_riding) e Starlight (@Starbright5919) não sejam legítimas e as postagens tenham sido feitas por robôs ou milícias virtuais, o que permite que esses tweets, associando antifas e BLM a

organizações terroristas, possam existir é um conjunto de regras que não só determina sua existência, mas também dá alguma legitimidade a esses enunciados. Como pode ser verificado com uma busca no próprio Twitter.



Em 29 de agosto de 2021, o perfil identificado como Ginger Gano (@GingerGano), praticamente um ano e meio após o tweet de Trump, fez a seguinte postagem: “I say ANTIFA & BLM are Domestic Terrorist Groups! Who Agrees?!” (Eu digo que ANTIFA e BLM são grupos terroristas domésticos! Quem concorda?!) (GINGER GANO, 2021)⁴. Convém chamar a atenção ao emprego da palavra domestic (doméstico) que aparece agora ligada à expressão Terrorist Groups (grupos terroristas).

Em maio de 2021, o Federal Bureau of Investigation, FBI, e o U.S. Department of Homeland Security publicaram um documento intitulado Strategic Intelligence Assessment and Data on Domestic Terrorism (Avaliação de Inteligência Estratégica e Dados sobre Terrorismo Doméstico) (FBI, 2021). O documento recorre ao Title 18 do U.S. Code § 2331, (LEGAL INFORMATION INSTITUTE, 2022) que trata das definições de international terrorism e domestic terrorism.

De acordo com esse documento e como o 18 U.S. Code, a expressão terrorismo doméstico serve para designar atividades que coloquem a vida humana em risco e violem as leis criminais dos Estados Unidos ou de qualquer um de seus Estados; que tenham a intenção de intimidar ou coagir a população civil; influenciar a política do governo por meio de intimidação ou coerção; ou afetar a conduta do governo por meio de destruição em massa, assassinato ou sequestro; e deve ocorrer principalmente dentro da jurisdição territorial dos Estados Unidos.

⁴ O perfil (@GingerGano) é muito provavelmente uma conta inautêntica ou um robô, apesar de contar com 72,5 mil seguidores na data da postagem. Nossas pesquisas encontraram a mesma postagem feita nos dias 25 e 23 de agosto de 2021. Além disso, uma postagem com um conteúdo exatamente igual foi feita pelo perfil Veronica Cara (@VeronicaHalley) – provavelmente outro robô – em 26 de agosto de 2021.



Tanto o documento quanto o Title 18 do U.S. Code não falam em designação de grupos, mas em “caracterização de atividades”. Nem no escopo do código nem no documento do FBI, há qualquer referência à designação de grupos. O mesmo acontece com relação a terrorismo internacional: se caracterizam atividades e não designam grupos.

Mesmo a Ku Klux Klan, que já recebeu condenações por terrorismo (BALLECK, 2018, p.182), não é designada como uma organização terrorista doméstica (JONES, 2022). De acordo com Pitcavage (2022, apud JONES, 2022), as únicas maneiras pelas quais os Estados Unidos podem designar quaisquer grupos ou movimentos como organizações terroristas são pela Lei de Imigração e Nacionalidade (Immigration and Nationality Act, INA) e pela Ordem Executiva 13224, que foi proposta para coibir financiamento terrorista. É com base no INA que o Departamento de Estado dos EUA designa grupos como organizações terroristas internacionais. Outra maneira é por meio da Lei de Autorização de Relações Exteriores, que autoriza o Departamento de Estado a designar países patrocinadores do terrorismo. Pitcavage (2022, apud JONES, 2022) afirma que para os EUA possam designar um grupo extremista doméstico como uma organização terrorista, uma nova lei teria que ser aprovada. Mesmo assim seria muito pouco provável que essa lei resistisse ao escrutínio constitucional.

A palavra doméstica ligada à expressão grupo terrorista em um tweet um ano após o enunciado de Trump pode significar que o debate sobre a designação de um grupo doméstico como organização terrorista já produziu as condições de produção do discurso adequadas para que a expressão Domestic Terrorist Groups (Grupo terrorista doméstico) fizesse parte do domínio semântico de antifa, quando enunciada pela extrema direita norte-americana.

O perfil quinny (@quinnytalks) postou em 30 de agosto de 2021: “i thought having to watch ben shapiro in class was bad. listen to my teacher telling us BLM are terrorists trying to convert us to communism.. uh” (eu pensei ter que assistir Ben Shapiro na classe era ruim. escute meu professor nos dizendo que BLM são terroristas tentando nos converter ao comunismo .. uh). Anexado à postagem aparece um áudio do alegado professor que afirma que a

organização BLM é uma organização abertamente marxista, que tem como objetivo criar problemas anárquicos para redesenhar a América como um país marxista e que tem como objetivo central destruir o núcleo da família ocidental e fazer de todos crianças da comunidade.⁵ (QUINNY, 2021).



Esses discursos anteriores teoricamente podem existir porque são compreendidos social e historicamente, mesmo que por pessoas que não concordem com o que eles dizem (como parece ser o caso de @quinnytalks). Não estamos falando aqui de um conjunto de regras explícitas ou determinadas para o comportamento dos internautas, mas de um conjunto de regras discursivas.

O enunciado não deve ser considerado como uma estrutura; ele é uma função de existência que pertence exclusivamente aos signos (FOUCAULT, 2009, p. 98); e é a partir dessa função de existência que é possível decidir se os signos ‘fazem sentido’ ou não, quais regra se sucedem ou se justapõem, do que eles são signos, e que espécie de ato se encontra realizado em sua formulação (se um ato oral ou escrito).

Existe um espaço discursivo em que os elementos são organizados segundo um conjunto de regras que estaria relacionado a um sistema comum. Compreender esse sistema de regras possibilita entender também como se faz a passagem da dispersão para a regularidade. A regularidade é o objetivo da análise dos enunciados que são partes da formação discursiva.

Desse modo o discurso é para Foucault um conjunto de regras agrupadas em uma determinada formação discursiva. Deve-se destacar que o enunciado para Foucault não é o mesmo que frase, sentença ou proposição. O enunciado é a unidade mínima do discurso.

5 De acordo com Dean (2021, p. 70), a associação dos movimentos negros ao marxismo não é uma novidade na história norte-americana. Em 1919, os jornais da imprensa negra começaram a convocar os negros a opor resistência aos linchamentos e “justiçamentos” de negros – promovidos inclusive com a conivência do estado do Mississippi – no sul dos Estados Unidos. Os jornais dos brancos passaram então a acusar a Rússia de financiar a imprensa negra a incitar a revolta dos negros com o objetivo de instaurar o domínio bolchevique no país norte-americano. Como se pode perceber esses discursos estão constantemente se reinventando.



O discurso dessa forma é a relação estabelecida entre um conjunto de enunciados que, submetidos ao mesmo conjunto de regras, pertencem à mesma formação discursiva. Dessa maneira, o sujeito não é um indivíduo onisciente que diz o que quer dizer, mas sim um espaço vazio que deve ser preenchido por qualquer indivíduo que venha a formular o enunciado. Os internautas que respondem ao tweet de Trump, assim como o próprio Trump vem preencher esse vazio.

O que dá sustentação discursiva para esses tweets é, em linhas gerais, um conjunto constituído por todos os enunciados que materializam e professam a mesma ideologia. Dentro desse conjunto de enunciados é possível compreender as regras de formação de um discurso. O conjunto das condições de existência para cada um dos enunciados possibilita compreender as regras de condição de produção do discurso de Trump e seus seguidores, bem como a que ideologia eles estão ligados. E é dentro desse conjunto de enunciados que é possível entender as regras que o legitima.

25

As condições de produção levam em consideração o sujeito e processo sócio-histórico na determinação dos sentidos. Por essa razão a análise do discurso de linha francesa considera o efeito como sendo um efeito que se dá na relação entre o linguístico e o extralinguístico. Conforme Pêcheux (1994, p. 79), não se pode analisar um discurso como sendo uma sequência fechada em si mesma. Ela precisa ser compreendida na relação com um conjunto de discursos possíveis, que é definido pelas condições de produção.

Essas condições de produção nos permitem como produzidos no ato da enunciação, devendo ser pensados na relação que estabelecem, não só com o que é interno ao sistema linguístico, mas também com o que lhe é externo; ou seja: o contexto sócio-histórico em que ocorre a enunciação. Dessa feita, o sentido de um termo ou expressão não surge como algo pertencente ao léxico da língua. Os sentidos são pensados como efeitos. Não se trata de uma posição que se dá fora da linguagem; essa posição sujeita está relacionada ao lugar simbólico de onde se fala (ORLANDI, 2005, p. 21).

Essas regras discursivas permitem que um enunciado que promete designar antifa como organização terrorista



seja tomada como institucional, mesmo que as regras jurídicas e institucionais não permitam que isso seja feito. Para aqueles que tomam o tweet por uma perspectiva institucional não parece absurdo que um presidente venha a designar um grupo doméstico – que nunca foi responsável por nenhuma morte – como organização terrorista. Inclusive, no diálogo que essas contas no estabelecem com o tweet de Trump, surge a sugestão de que mais grupos possam também ser designados terroristas. A ideia não é apenas que o presidente possa realizar tal ação, mas também a de que ele deve.

Para esse grupo de seguidores do ex-presidente, os opositores de Trump são inimigos do Estado, e, uma vez que são assim qualificados, as reivindicações desses grupos sobre justiça e igualdade racial não são legítimas. Do mesmo modo, esses grupos são excluídos do debate político como se não pertencessem àquele país; uma vez que organizações terroristas não são grupos domésticos (BRAY, 2020).

Trump se beneficia uma confusão que ele mesmo cria entre a sua pessoa e o próprio Estado. Os ataques a ele são também ataques ao país.

O Departamento de Estado dos EUA (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2022) mantém uma página (<https://www.state.gov/foreign-terrorist-organizations/>) em que o Bureau of Counterterrorism in the State Department (CT) designa uma série de grupos e organizações como terroristas, bem como apresenta outra lista de organizações que foram removidas da lista. Nenhuma organização listada é estadunidense e não há nenhuma lista de grupos domésticos.

O ex-presidente trouxe para dentro do país a lógica discursiva que os EUA já adotavam em sua política externa, que legitimava intervenções e invasões em outros países com base em designações de grupos adversários como organizações terroristas. Não se discute se esses grupos adversários em outros países têm ou não reivindicações legítimas contra a política estadunidense quando são designados terrorista.

Tal lógica é perceptível quando tomamos, conforme foi mostrado anteriormente, as justificativas de juristas e meios de comunicação ao

negar que os antifas possam ser designados como organização terrorista: são um grupo doméstico, não possuem um comando central organizado, não mataram



ninguém etc. Nos enunciados desses juristas e veículos de comunicação, está claro que os Estados Unidos da América estão autorizados a designar grupos e organizações estrangeiras como terroristas. O que autoriza o governo dos EUA a usar da força contra os grupos assim designados.

Trump deixou o cargo de presidente dos EUA em 20 de janeiro de 2021 sem que nenhum processo tenha sido aberto junto ao Departamento de Estado de seu país para tornar os antifas uma organização terrorista. Se o ex-presidente tentou levar a cabo a sua ameaça, isso nunca veio a público.

Todavia para os seguidores de Trump, o tweet em que ele ameaça os antifas não parece nonsense; pois, de algum modo, ele retoma uma lógica discursiva que permeia a política externa dos EUA; se valendo da confusão que ele mesmo havia criado entre a sua pessoa e o Estado, e do pouco conhecimento que a população do EUA tinha dos processos regulamentares que o Departamento de Estado Norte-americano tem para designar um grupo ou organização como terrorista.

27

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, não é Trump que produz essas regras discursivas, mas é esse conjunto de regras – ou seja: as condições de produção do discurso – que permite que Trump produza seus enunciados. Ele, assim como outros governantes, é um elo importante para a manutenção desse conjunto de regras.

As escolhas do falante nunca são aleatórias. O emprego que ele faz dos termos ao enunciar também não faz parte da liberdade de escolha que Trump tem para enunciar de uma maneira ou de outra. Os seus dizeres são contingenciados pelas possibilidades que ele tem de enunciar. E essas possibilidades são determinadas pelas condições de produção sócio-históricas. Se um indivíduo enquanto falante de um idioma pode usar a língua para dizer o que quiser, o indivíduo como sujeito do discurso não é livre para dizer o que quiser. Entender essas regras de formação nos possibilita também determinar quais são os elementos que compõem o discurso.



Desse modo, é possível inferir que esses discursos se retroalimentam, criando um ambiente discursivo que permite que discursos de ódio possam fazer sentido dentro de algum segmento da sociedade.

Os discursos que circulam nas redes sociais não fazem parte de uma realidade separada do mundo. Tudo o que se difunde nessas redes faz parte do conjunto de enunciados que compõem todos os dizeres. A linguagem é o lugar em que o sujeito se constitui. Cada indivíduo em uma dada situação de fala específica enuncia de uma determinada posição sujeito; e essa posição sujeito diz respeito ao lugar simbólico de onde se fala. Trump, por exemplo, enuncia, naquela ocasião, da posição sujeito de presidente dos EUA. Quem o lê dá crédito ao que ele escreve – mesmo que não concorde com ele – porque Trump está legitimado a falar dessa posição.

Políticos, influenciadores, internautas e robôs enunciam de uma posição sujeito determinada pelo conjunto de regras discursivas que regulam a produção de enunciados dentro e fora da internet. Tanto políticos e influenciadores que enunciam discursos de ódio na internet quanto internautas que repostam, comentam ou dão likes, como também os robôs e as milícias virtuais são responsáveis pela manutenção e repercussão do conjunto de regras discursivas que buscam legitimar e dar condições de existência a esses discursos.

O enunciado de Trump só existe porque há um conjunto de outros discursos que excluem os negros e imigrantes, que antagoniza, tenta calar ou trabalha para calar os opositores do governo, que legitimam a violência e opressão do Estado e que concentra o poder político e financeiro. Sem a existência desses discursos, o que Trump diz seria vazio de significados, não promoveria engajamento nem causaria repercussões.

REFERÊNCIAS

AUSTIN. J. L. How to do things with words. Cambridge, Massachusetts: Harvard Press, 1962.

BALLECK, B. J. Modern American extremism and domestic terrorism: an encyclopedia of extremists and extremist groups / Barry J. Balleck. Santa Barbara, California (EUA): ABC-CLIO, 2018.



BBC, Twitter 'permanently suspends' Trump's account. BBC NEWS, US & Canada, US Capitol riots, publicado em 9 de janeiro de 2021, disponível em <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-55597840>>; acessado em 29 de agosto de 2021.

BBC NEWS. Antifa: Trump says group will be designated 'terrorist organisation', publicado em 31 de maio de 2020, disponível em <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52868295>>;

acessado em 5 de junho de 2020.

2021.

BELLIGNI, S. Antifascismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de Política. 4.ed. Brasília: UnB, 1998.

BLOG TWITTER. Permanent suspension of @realDonaldTrump, publicado em 8 de janeiro de 2021, disponível em <https://blog.Twitter.com/en_us/topics/company/2020/suspension>, acessado em 29 de agosto de 2021.

BRAY, M. "Antifa isn't the problem. Trump's bluster is a distraction from police violence". PostEverything, Washington Post, publicado em 1º de junho de 2020; disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/outlook/2020/06/01/trump-antifa-terrorist-organization/>>; acessado em 8 de junho de 2020.

CAI, Weiyi. A Step-by-Step Guide to the Second Impeachment of Donald J. Trump. Politics. New York Times, publicado em 13 de janeiro de 2021; disponível em <<https://www.nytimes.com/interactive/2021/02/08/us/politics/trump-second-impeachment-timeline.html>>, acessado em 26 de junho de 2021.

DEAN, J. Camarada. Um ensaio sobre o pertencimento político. São Paulo: Boitempo, 2021.

FBI, Strategic Intelligence Assessment and Data on Domestic Terrorism, Documents (2021), FBI, disponível em <<https://www.fbi.gov/file-repository/fbi-dhs-domestic-terrorism-strategic-report.pdf/view>>; acessado em 26 de junho de 2022.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FUNKE, D. Despite Trump talk, antifa has not been designated as a terrorist organization. In: Politifact. The Poynter Institute; publicado em 21 de julho de 2020; disponível em <<https://www.politifact.com/factchecks/2020/jul/21/instagram-posts/despite-trump-talk-antifa-has-not-been-designated-/>>; acessado em 10 de dezembro de 2020.

GINGER GANO (@GingerGano) "I say ANTIFA & BLM are Domestic Terrorist Groups! Who Agrees?!" 5:03 PM · 29 de agosto de 2021. tweet, 2021. Disponível em:

UM ESTUDO SOBRE A
EXPRESSÃO ANTIFA...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.21,
p. 07-32, jul./dez. 2022
ISSN 2525-3441



<https://Twitter.com/GingerGano/status/1432071386953134093>; acessado em 31 de agosto de 2021.

GOODEN, T. The Death Positive Movement Encourages Us to Face Death Directly. Nerdist. Publicado em 25 nov. 2020; disponível em <https://nerdist.com/article/death-positive-movement/>; acessado em 10 de dezembro de 2020.

LEVITSKY, S., ZIBLATT, D. Como as democracias morrem. São Paulo: Zahar, 2018 (LIVRO DIGITAL).

LEGAL INFORMATION INSTITUTE, LII, U.S. Code, Title 18, PART I, CHAPTER 113B, § 2331, disponível em: <https://www.law.cornell.edu/uscode/text/18/2331> ; acessado em 22 de junho de 2022.

LOW RIDER (@low_riding) BLM needs the same designation. I'm ok with it happening the day after the election 5:31 PM · 31 de agosto de 2020; tweet, 2020. Disponível em https://Twitter.com/low_riding/status/1300531621838368770; acessado em 10 de agosto de 2021.

MÜLLER, K.; SCHWARZ, C. From Hashtag to Hate Crime: Twitter and Anti-Minority Sentiment (October 31, 2019). Disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3149103> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3149103> acessado em 15 de junho de 2020.

NEIER, A. The Content and Context of Hate Speech: Rethinking Regulation and Responses, International Journal of Constitutional Law, Volume 12, Issue 3, July 2014, Pages 816–820; disponível em <https://doi.org/10.1093/icon/mou053>; acessado em 29 de agosto de 2021.

O ESTADO DE S. PAULO. Entenda o caso George Floyd in: Internacional. Estadão, São Paulo, Publicado em 3 de junho de 2020; disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-o-caso-george-floyd,70003323879>; acessado em 5 de junho de 2020.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2005.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.) [et al.]. Gestos de leitura: da história no discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.



PÊCHEUX, M., FUCHS. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PITCAVAGE, M. Domestic extremist groups are not designated as terrorist organizations. In: JONES, R. Why isn't the KKK designated as a terrorist organization? Politics, Hopes & Fears; disponível em <<http://www.hopesandfears.com/hopes/now/politics/216789-kkk-anonymous-terrorists-hate-group>>; acessado em 26 de junho de 2022.

PLATÃO. Box Grandes Obras de Platão (23 diálogos: A República, Fédon, O Banquete, Górgias, Apologia de Sócrates...), Mimética. Edição do Kindle, 2019.

QUINNY (@quinnytalks) i thought having to watch ben shapiro in class was bad. listen to my teacher telling us BLM are terrorists trying to convert us to communism. 4:27 PM; 30 de agosto de 2021, tweet, 2021; disponível em: <https://Twitter.com/quinnytalks/status/1432424663616049169>; acessado em 31 de agosto de 2021.

QIU, L. Trump's Tweets, the Murky to the Misleading. The New York Times publicado em 4 de junho de 2020, Section A, Page 22. Disponível on line em <<https://www.nytimes.com/2020/06/03/us/politics/trump-Twitter-fact-check.html>>; acessado em 15 de junho de 2020.

ROBERTSON, L. Trump Can't Designate Antifa — or Any Movement — Domestic Terrorist Organization. In: Factcheck Posts. FactCheck.org, publicado em 1º de junho de 2020, disponível em: <<https://www.factcheck.org/2020/06/trump-cant-designate-antifa-or-any-movement-domestic-terrorist-organization/>>; acessado em 09 de junho de 2020.

SACCOMANI E. Fascismo In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de Política. 4.ed. Brasília: UnB, 1998.

SEGLOW, J. Hate speech, dignity and self-respect. Ethical Theory and Moral Practice, nº 19, pp. 1103–1116; 2016; disponível em <<http://dx.doi.org/10.1007/s10677-016-9744-3>>; acessado em 29 de agosto de 2021.

STANLEY, J. Como funciona o fascismo (Locais do Kindle 13-14). L&PM Editores. Edição do Kindle. 2019

STARLIGHT. (@Starbright5919): Add BLM as well 11:47 AM · 31 de agosto de 2020, disponível em: <https://Twitter.com/Starbright5919/status/1300445059515518976>.

TRUMP, D. J. (@realDonaldTrump). "The United States of America will be designating ANTIFA as a Terrorist Organization." 31 de maio de 2020, 13h23. Tweet., 2020a, acessado em 15 de junho de 2020a. Disponível após o banimento de Trump em <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52868295>; acessado em 29 de agosto de 2021.

TRUMP, D. J. (@realDonaldTrump). "I've done more in less than 4 years than Biden's done in more than 40 years, including for Black America. Biden has been a part of every

failed decision for decades. Bad Trade Deals, Endless Wars, you name it, he has shown a complete lack of leadership. He's weak & shot!!!" 15 de junho de 2020, 9h43. Tweet, 2020b; disponível após o banimento de Trump em < <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/tweets-june-15-2020>>, acessado em 29 de agosto de 2021.



TRUMP, D. J. (@realDonaldTrump). "I will be making a statement tonight. A big WIN!". 4 de novembro de 2020, 15h33, Tweet, 2020c. Disponível após o banimento de Trump em: <https://www.facebook.com/DonaldTrump/posts/i-will-be-making-a-statement-tonight-a-big-win/10165755577560725/>, acessado em 29 de agosto de 2021.

TRUMP, D. J. (@realDonaldTrump). "I will be announcing my Supreme Court Nominee on Saturday, at the White House! Exact time TBA" 18 de maio de 2020, 13h23. Tweet, 2020d.; disponível após o banimento de Trump em <https://www.usnews.com/news/national-news/articles/2020-09-22/trump-will-announce-supreme-court-nominee-saturday-from-the-white-house>; acessado em 29 de agosto de 2021.

TRUMP, D. J. (@realDonaldTrump). TODAY, I will be sending federal law enforcement and the National Guard to Kenosha, WI to restore LAW and ORDER!. 26 de agosto de 2020, 2h23. Tweet, 2020e. Disponível após o banimento de Trump em <https://apnews.com/article/ap-top-news-or-state-wire-politics-wi-state-wire-2ea05933a91212ccfb1a3ae4c39e0e79>; acessado em 29 de agosto de 2021.

VASHISTHA N.; ZUBIAGA A. Online Multilingual Hate Speech Detection: Experimenting with Hindi and English social media. Information. 2021; 12(1):5. <https://doi.org/10.3390/info12010005>; acessado em 14 de março de 2021.

32

Recebido em 31 de agosto de 2021.

Aprovado em 27 de junho de 2022.